

CAROS ALUNOS

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Olá pessoal,

Sejam todos(as) bem vindos(as) ao Curso de Língua Brasileira de Sinais.

Estamos iniciando nossos cursos Livres de Curta Duração denominados MOOC's. Primeiramente precisamos esclarecer o que são MOOC's. Os Massive Online Open Courses (MOOC's) são um tipo de curso livre através da web que visa oferecer a um grande número de alunos advindos da comunidade em geral a oportunidade de ampliar seus conhecimentos. Os interessados podem se inscrever para acompanhar todo o curso, efetivamente concluindo-o, e buscando conhecer mais sobre o tema apresentado. A grande diferença é que o processo educativo está centrado nos estudantes, que aprendem e ensinam em contribuição à produção.

Todos os cursos ofertados como MOOC's através da UAB/ UNICENTRO, foram elaborados por Docentes de diversos Departamentos da UNICENTRO. Desta forma, nossos cursos serão certificados pela UNICENTRO e visam contribuir para o aperfeiçoamento de indivíduos

que atuam em diversas áreas do conhecimento através do AVA MOODLE, com cursos livres de curta duração.

Os MOOC's terão carga horária totalmente a distância, não teremos encontros presenciais.

A metodologia de trabalho dos MOOC's está concentrada na figura do(a) aluno(a), ou seja, os docentes propuseram, prepararam e configuraram os cursos, e cabará a cada aluno(a) organizar seu tempo, sua dinâmica de estudos e sua disciplina a fim de utilizar todos os recursos, estudar todos os materiais disponibilizados e executar as atividades propostas.

A Coordenação dos MOOC's coloca-se a disposição de todos(as) e desejamos um excelente curso a todos(as)!

Coordenadora Geral

Professora Maria Aparecida Crissi Knupel

Coordenadora adjunta

Professora Michele Tupich Barbosa

TEMA 1



1. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS

A história dos surdos no Brasil é marcada por muitos sofrimentos, mudanças e conflitos. Apesar de ter poucos registros que comprovem relatos da história dos surdos, sabemos que na Antiguidade eram considerados ora como “deuses” ora como pessoas “diabólicas” que precisavam ser punidas por não falarem oralmente, além disso eram denominadas pessoas incapazes, não humanas. Não podiam exercer seus direitos como cidadãos, nem casar e ter herança na família, muito menos tinham direito à educação. Na Grécia antiga eram exterminados ou atirados no penhasco ou no mar.

No Brasil conta-se que em 1857 o professor surdo Eduard Huet de Paris juntamente e com o apoio de Dom Pedro II fundaram, em 26 de setembro de 1855, o Instituto de Surdos-mudos, hoje denominado Instituto Nacional de Educação de Surdos, na cidade de Rio de Janeiro. Huet utilizou, na educação dos surdos no Instituto, a linguagem escrita, alfabeto manual e a Língua de Sinais Francesa, misturando-a com a Língua de Sinais utilizada pelos surdos brasileiros e com isso foi-se espalhando pelo Brasil. Já em 1861 deixou o Instituto.

TEMA 1



Ao longo dos séculos discutia-se sobre qual método de ensino seria o melhor para ser trabalhado com os surdos: o Oralismo ou a Língua de Sinais, gerando muitos conflitos na educação dos surdos.

O momento mais obscuro na História dos Surdos foi o impacto do Congresso internacional de Milão em 1880, trazendo consequências terríveis para as comunidades surdas do mundo todo. No Congresso foi questionado qual a melhor educação para os surdos: o Oralismo ou a Língua de Sinais. Na hora da votação na assembleia geral os professores surdos não tinham o direito de votar, foram negados e excluídos. Foram 164 ouvintes a favor do oralismo puro e somente 5 dos Estados Unidos foram a favor da Língua de Sinais. O método oralista puro venceu, porém, nos Estados Unidos a Língua de Sinais persistiu, já na Europa e em outros países optou-se pelo ensino do Oralismo puro nas escolas, com isso, muitos professores surdos foram demitidos, ficando somente os professores ouvintes.

De modo geral, no Brasil, apesar da língua de sinais ser proibida

TEMA 1



mundialmente o INES utilizava a língua de sinais como língua de instrução até 1957, quando Rímola de Faria Doria juntamente com a sua assessora Alpia Couto proibiram a língua de sinais oficialmente na sala de aula.

No método oralista, a Língua de Sinais era totalmente banida, pois acreditavam que atrapalhava o ensino da comunicação oral e também da leitura labial.

Nos anos 60, com o fracasso do oralismo, surgiu a Comunicação Total, língua de sinais com a oralização. Com isso, trouxe de volta o reconhecimento da Língua de Sinais que foi banida por mais de 100 anos.

Esse método misto foi muito criticado por vários autores que alegaram que a problematização era a mistura de duas línguas, a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa, ficando assim o Português Sinalizado, denominado também de Bimodalismo. Na visão desses autores, era inadequado visando que a Língua de Sinais tem a sua gramática própria.

Desde a celebração da Conferência da UNESCO, em 1951, é indiscutível que, ao se mencionar o caráter bilíngue de um projeto educativo, seja reconhecido o direito que têm as crianças que usam uma língua diferente da língua majoritária, de serem educadas na sua língua natural. Por isso, a materialização de uma educação bilíngue para o surdo não é apenas uma decisão de natureza técnica, mas deve

TEMA 1



ser politicamente construída tanto quanto sócio- linguisticamente justificada. (SKLIAR, 1999).

A Educação Bilíngue é atualmente o método mais defendido entre os pesquisadores de Educação dos Surdos. Onde a Língua de Sinais é a língua instrução como primeira língua L1 e a Língua Portuguesa é a segunda língua L2 na modalidade escrita.

Para que possa aperfeiçoar seu conhecimento sobre este tema, sugiro a leitura do texto linkado abaixo.

Assistam à videoaula abaixo que foi organizada para o Curso de Especialização em Libras, modalidade à distância da Universidade Aberta do Brasil - UAB.



TEMA 1



Além desses materiais, disponibilizo ainda, imagens que ilustram de forma direta e objetiva a linha do tempo da história da educação dos surdos.



ARQUIVO



TEMA 2



2. LEI DE LIBRAS

O segundo tema a ser trabalhado neste curso diz respeito às leis que regulamentam o ensino de Libras.

Ao longo dos séculos, os surdos mostraram que a Língua de Sinais é uma língua utilizada pelos surdos. Foi com muita luta pela Comunidade Surda no Brasil que foi sancionada a lei 10.436, de 22 de abril de 2002, da Língua Brasileira de Sinais – Libras.

Para Quadros (2006, p. 35), a língua de sinais “[...] é uma língua espacial visual, pois utiliza a visão para captar as mensagens e os movimentos, principalmente das mãos, para transmiti-la”. Distingue-se das línguas orais pela utilização do canal comunicativo, enquanto as línguas orais utilizam canal oral-auditivo. As línguas de sinais utilizam canal gestual-visual.

Essa forma de linguagem é rica, completa, coexiste com as línguas orais, mas é independente e possui estrutura gramatical própria e complexa, com regras fonológicas, morfológicas, semânticas, sintáticas e pragmáticas. É lógica e serve para atingir todos os objetivos de forma rápida e eficiente na exposição de necessidades, sentimentos, desejos, servindo plenamente para alimentar os processos mentais (QUADROS, 2006).



TEMA 2



A lei determina a difusão da Libras em todos os órgãos públicos, uma vez que ela rompe a comunicação entre surdos e ouvintes, permitindo a aprendizagem cognitiva do surdo nas escolas, pois a Libras é a língua natural do surdo que necessita dela para se comunicar.

No 3º artigo, a lei defende o uso da Libras na rede da saúde com a contratação de intérprete que possa intermediar a comunicação nos hospitais, nos postos de saúde e em qualquer ambiente público em que for solicitado.

Também dispõe incluir Libras nos cursos de Formação, Educação Especial, Fonoaudiologia e no Magistério no nível médio e superior, nas escolas municipais, estaduais e superior.

A lei 10.436 reconhece a legitimidade da Língua Brasileira de Sinais LIBRAS e, com isso, seu uso pelas comunidades surdas ganha respaldo do poder e dos serviços públicos.

Essa lei foi regulamentada em 22 de dezembro de 2005, pelo Decreto de nº. 5.626/05 que estabelece a inclusão da LIBRAS como disciplina curricular no ensino público e privado, e sistemas de ensino estaduais, municipais e federais (Cap.II, art. 3º). Esse decreto, no capítulo VI, Art. 22, incisos I e II, estabelece uma educação inclusiva para os surdos,

TEMA 2



numa modalidade bilíngue em sua escolarização básica, garantindo-se a esses alunos, educadores capacitados e a presença do intérprete nessas classes (MENEZES, 2006).

O intérprete constitui um elemento de importância primordial na educação dos surdos, na esfera de classes regulares, pois um profissional que atua nesse âmbito deve ser devidamente capacitado para dominar a Libras, proporcionando aos surdos receber informações escolares em língua de sinais, abrindo-lhes oportunidades para que possam construir competências e habilidades na leitura e na escrita, tornando-se, portanto, letrados. (MENEZES, 2006).

Depois de anos da edição da lei, o Executivo federal editou o Decreto nº. 5.626, de 22 de dezembro de 2005, regulamentando aspectos da Lei nº 10.436, dentre os quais se salienta que no artigo 3º definiu-se que “[...] a Libras deve ser inscrita como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia [...]”.

O § 1º define que todos os cursos de Licenciatura, o Curso Normal Superior, o Curso de Pedagogia e o Curso de Educação Especial como cursos superiores de formação de professores.

TEMA 2



O § 2º indica que nos demais cursos de educação superior a Libras constituirá disciplina optativa (MENEZES, 2006).

O artigo 9º define um cronograma de implementação das disposições do Decreto, tendo como meta inicial que em até três anos a partir de sua publicação, haja Libras como disciplina curricular em pelo menos 20% dos cursos de cada instituição que oferece graduação em Fonoaudiologia, Pedagogia e Licenciaturas. (MENEZES, 2006).

Feitas essas breves considerações, cumpre examinar a questão sob dois aspectos principais: 1) a obrigatoriedade do Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005, relativamente ao sistema educacional e, 2) a função do Conselho Nacional de Educação em relação aos parâmetros curriculares nacionais.

O Art. 3º do Decreto nº. 5.626/05, tem redação que se vale do artigo 4º da lei regulamentada. Essa é a redação: A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (Art. 3º do Decreto nº. 5.626/05).

TEMA 2



Essas leis, com o uso pela comunidade surda, trazem benefício para participar nas políticas públicas, buscando uma educação inclusiva de qualidade, com uma modalidade bilíngue nas escolas com educadores com formação e com a presença de intérpretes nas classes onde houver alunos surdos conforme eles têm direito para poder exercer sua cidadania.

Para que vocês entendam melhor o contexto da legislação que norteia as práticas de ensino da Libras, vocês devem ler os seguintes materiais: Basta clicar no link de cada material para fazer a leitura

Lei Libras; (material anexo para linkagem)



ARQUIVO

Lei de Libras - Lei 10.436/02 de 24 de abril de 2002;



ARQUIVO

O desenvolvimento cognitivo do sujeito surdo.



ARQUIVO

TEMA 2



Vocês podem acessar também o site do Palácio do Planalto e observar a constituição da Lei nº 5.626/2005, no link disponível abaixo:

É importante, ainda, que assistam aos vídeos que complementam essa discussão.

Surdo e o preconceito e Lamento oculto do surdo:



TEMA 2

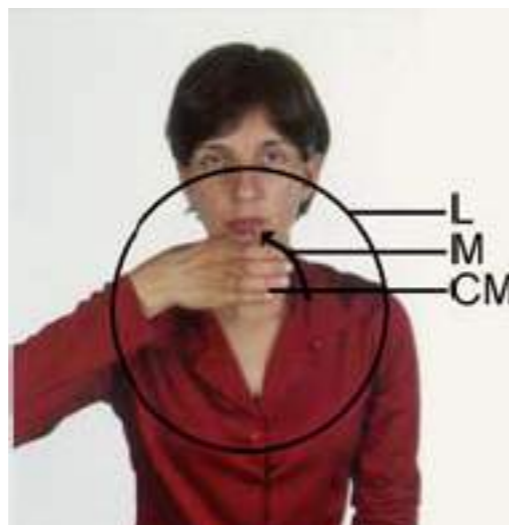


Sobre esse assunto, vocês terão como proposta de atividade (na plataforma Moodle) um fórum de discussões. Esta será a primeira atividade que realizarão, prestem atenção na pergunta norteadora do fórum e, além de dar sua opinião sobre tal fato, interajam com seus colegas sobre o assunto.



3. ASPECTOS FONOLÓGICOS DE LIBRAS OU PARÂMETROS DA LIBRAS

Trataremos, a partir de agora, das Fonologias da Libras, denominadas também de “Os Parâmetros da Libras”. Stokoe inicialmente estudou os três parâmetros primários que são: Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA) e Movimento (M). Usando o termo Fonologia, considerando que as línguas de sinais são línguas naturais dos surdos para se comunicarem.



Os parâmetros fonológicos da LIBRAS (retirado de Quadros e Karnopp 2004, p. 51)

Muitos fonologistas pesquisaram que a língua oral e a língua de sinais fazem parte de princípios linguísticos subjacentes, visando que ambas são atividades do cérebro humano com as mesmas funções.



TEMA 3



Contudo, de acordo com Brito [BRI 95], existem outras classificações para analisar a fonologia de uma língua de sinais que são a Direção/Orientação e Expressões Faciais não manuais.

Os sinais são formados a partir da combinação da forma e do movimento das mãos e do ponto no corpo ou no espaço onde esses sinais são feitos. (Felipe,2001).

Nas línguas de sinais podem ser encontrados 5 parâmetros que formarão os sinais:

- Configuração de Mãos: são formas das mãos que podem ser da datilologia (alfabeto manual) ou outras formas feitas pela mão predominante.
- Ponto de Articulação: é o lugar onde incide a mão predominante configurada, ou seja, local onde é feito o sinal, podendo tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro.
- Movimento: os sinais podem ter um movimento ou não. Com o movimento das mãos, mexendo os dedos ao realizar um sinal, abrindo e fechando ou mesmo estendendo e dobrando o que leva a fazer com que alguns sinais tenham ligeiramente outras configurações de mãos.

TEMA 3

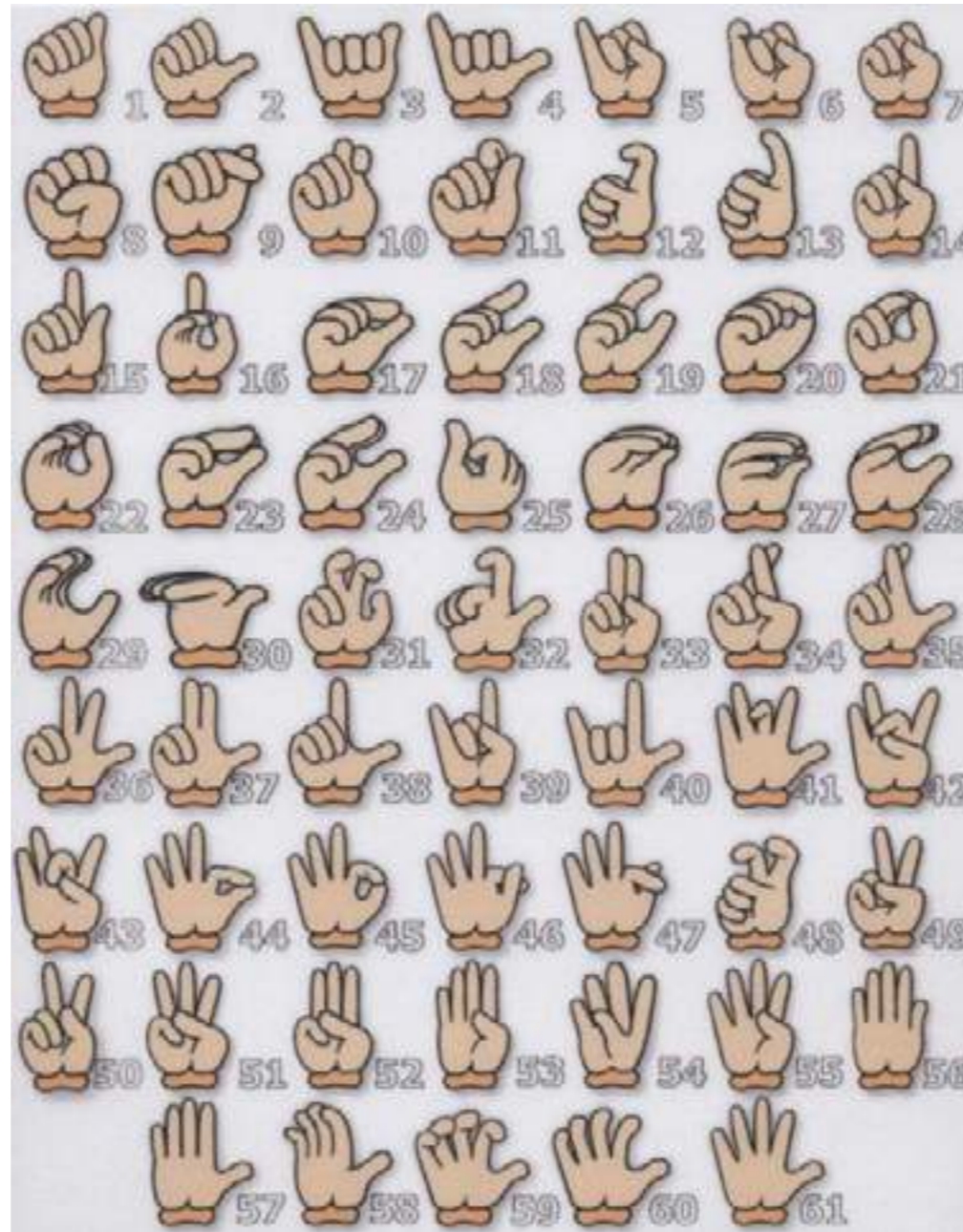


- Orientação / Direcionalidade: É a direção para qual a palma da mão aponta na produção do sinal (Quadros e Karnopp, 2004). Pode ser para cima, para baixo, para o corpo, para frente, pra direita ou esquerda (Brito, 1995).
- Expressão Facial e/ou Corporal: As expressões faciais / corporais são de fundamental importância para o entendimento real do sinal, sendo que a entonação em Língua de Sinais é feita pela expressão facial. As expressões faciais fazem parte da Libras. É necessário diferenciar dois tipos: as afetivas e as gramaticais.

CONFIGURAÇÃO DE MÃOS.

Todo sinal de Libras tem uma configuração de mão correta, podendo ser em alfabeto manual ou outra configuração que não tem nada a ver com o alfabeto manual. Faça um sinal que você já conhece e olhe a sua mão como começa o sinal esse começo é que chamamos de configuração de mão.

TEMA 3



TEMA 3



Por exemplo:

- Na configuração da letra "S" num. 7 da tabela acima:



PONTO DE ARTICULAÇÃO.

É onde e qual parte do corpo o sinal vai ser feito, podendo ser no queixo, no nariz, na cabeça, ombro etc. E também temos sinais que são feitas no espaço sem contato com o corpo.

Por exemplo:

Sinal "AMOR" é feito no peito no coração.

Sinal "APRENDER" é feito na testa.

Sinal "LARANJA" é feito Na boca.



MOVIMENTO.

Temos sinais que tem movimentos e outros que não tem movimentos.

São sinais que ficamos repetindo o gesto assim como o sinal “LIBRAS” o movimento seria o círculo vertical pra frente várias vezes.



ORIENTAÇÃO E OU DIREÇÃO

Nos desenhos de Libras temos as flechas que indicam a direção em que é feito o sinal, vejam como é o sinal de “LIBRAS” e vejam que a flecha marca um círculo com as palmas de mãos para frente do outro.



EXPRESSÃO FACIAL E/OU CORPORAL

Faz parte da gramática da Libras, pois muitos sinais são feitos juntamente com o sinal.



www.shutterstock.com · 20640302

TEMA 3



Como sugestão de pesquisa, indico os sites abaixo, todos abordam temas bastante importantes e ajudarão vocês a compreenderem melhor a Língua Brasileira de Sinais. Aproveitem!!

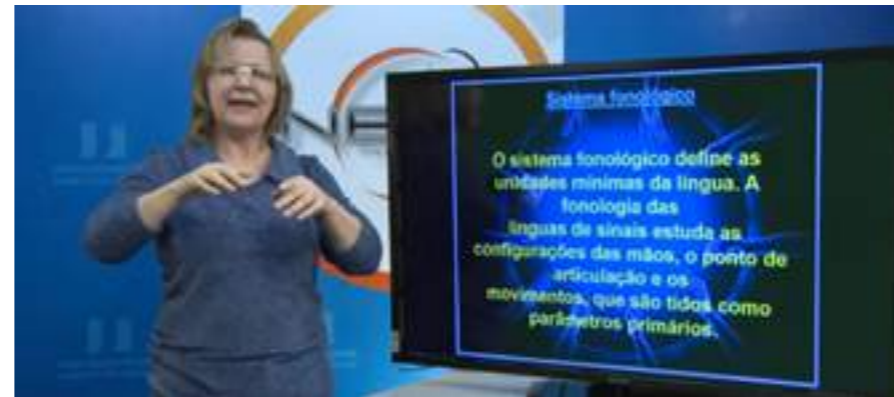
TEMA 3



Vídeo: Bang bang em Libras



Meu vídeo: Parâmetros da Libras



TEMA 3



4. CULTURA E IDENTIDADE SURDA

Trataremos agora da Cultura e Identidade Surda. Vamos refletir se, de fato, existe Cultura Surda e como ela se compõe.

Por séculos, os surdos foram considerados seres inferiores e excluídos da sociedade ouvinte que se sentia superior por ter uma língua falada e, os surdos, inferiores por não terem a língua oral. A língua de sinais não era considerada uma língua denominava-se como mímica, gerando grande preconceito contra ela.

Existe a violência contra a cultura surda até hoje, como acontece em escolas inclusivas, que Perlin (2004, p. 79) descreveu na História: A violência contra a cultura surda foi marcada através da história. Constatamos, na história, eliminação vital dos surdos, a proibição do uso de língua de sinais, a ridicularização da língua, a imposição do oralismo, a inclusão do surdo entre os deficientes, a inclusão dos surdos entre os ouvintes.

Povo surdo, pois, a sociedade ainda vê os surdos como “deficientes”, “anormais”, “doentes” (...)” (STROBEL, 2008)

Estudos mostram que o “ser surdo” é um grupo minoritário com seus pensamentos e língua própria. Com o uso da língua de sinais entre os pares. Com isso há novas interações, diálogos e aprendizagem que

TEMA 4



TEMA 4



não ocorrem com a língua oral, surgindo uma identidade surda, a sua subjetividade e sua autoimagem como sujeito surdo.

A diferença está no modo de apreender o mundo, que gera valores, comportamento comum compartilhado e tradições sócio-interativas, a este *modus vivendi* pode-se caracterizar como “Cultura Surda”. Nessa perspectiva, pode-se apreender uma atitude surda, ou seja, as pessoas surdas não querem ser vistas como Deficientes Auditivos, o que implica uma visão negativa da surdez. A atitude surda está em ser membro de uma comunidade, aceitar e ser aceito como membro desta cultura surda. (FENEIS).

“Sem linguagem não somos seres humanos completos e, por isso, é preciso aceitar a natureza e não ir contra ela, obrigando-os a falar, algo que não lhe é natural, os surdos não são expostos suficientemente à linguagem e estão condenados ao isolamento e à incapacidade de formar sua identidade cultural.” (Sacks, Oliver 2001).

A cultura é viva e se vai transformando. De acordo com Strobel (2008) a cultura se modifica e se atualiza, deixando claro que não surge com o homem sozinho, mas sim a partir das produções coletivas socializadas culturalmente, passando de geração em geração.

TEMA 4



Strobel define, então, que Cultura Surda é o jeito de o Surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo Surdo.

Os artefatos da Cultura Surda são a experiência visual, por falta de audição, os surdos percebem e aprendem com os olhos, muitas vezes dito que ouvem com os olhos. A língua de sinais é a língua dos surdos e com ela, estes se comunicam. Na arte tem o teatro surdo, poesia surda, piada surda, literatura surda e historinhas adaptadas em Libras, além do uso da tecnologia como babá eletrônica, sinalizadores para casa, internet e celulares. O artefato político refere-se à luta dos surdos e a educação dos surdos nas escolas.

O uso da linguagem, salienta Strobel (2008), e da identidade são os elementos fundamentais de uma cultura. Porém, é importante lembrar que, embora os Surdos pertençam à Cultura Surda, este fato não os torna iguais. No entanto, os Surdo não se diferenciam um dos outros pelo grau de surdez, e sim pelo grupo a que pertencem, pelo uso da língua de sinais



e pela Cultura Surda, que influi na formação das suas identidades.

No caso dos Surdos, que vivem no meio da cultura ouvinte é um caso onde a identidade é negada, se rebela e se afirma em questão da original. A identidade surda sempre está em proximidade, em necessidade de encontrar outro igual (PERLIN, 2005).

A identidade Surda vai sendo construída no meio de uma cultura visual, não podemos entender isso como uma construção isolada, mas sim, uma construção multicultural. O pensamento e o agir vão se formando a partir das suas experiências visuais.

Segundo a autora Perlin(1998), temos sete tipos de surdos:

1.IDENTIDADES SURDAS (identidade política)

Trata-se de uma identidade fortemente marcada pela política surda. São mais presentes em surdos que pertencem à comunidade surda e apresentam características culturais como:

- Possuem a experiência visual que determina formas de comportamento, cultura, língua, etc.;
- Carregam consigo a Língua de Sinais. Usam sinais sempre, pois é sua forma de expressão. Eles têm um costume bastante

TEMA 4



presente que os diferencia dos ouvintes e que caracteriza a diferença Surda: a captação da mensagem é visual e não auditiva. O envio de mensagem não usa o aparelho fonador, usa as mãos;

- Aceitam-se como surdos, sabem que são surdos e assumem um comportamento de pessoas surdas. Entram facilmente na política com identidade surda, onde impera a diferença: necessidade de intérpretes, de educação diferenciada, de Língua de Sinais, etc.;
- Passa aos outros surdos sua cultura, sua forma de ser diferente;
- Assumem uma posição de resistência;
- Assumem uma posição que avançam em busca de delimitação da identidade cultural;
- Assimilam pouco, ou não conseguem assimilar a ordem da língua falada, têm dificuldade de entendê-la;
- Decodificam todas as mensagens recebidas em Língua de Sinais;

TEMA 4



- A escrita obedece à estrutura da Língua de Sinais, pode igualar-se a língua escrita, com reservas;
- Têm suas comunidades, associações, e/ou órgãos representativos e compartilham entre si suas dificuldades, aparições, utopias;
- Usam tecnologia diferenciada: legenda e Sinais na TV, telefone especial, campanha luminosa;
- Têm uma diferente forma de relacionar-se com as pessoas e mesmo com animais;
- Esta identidade assume características bastante diferenciadas é preciso lembrar aqui que, por exemplo: a identidade Surda genealógica traz sinais vividos e provados durante gerações, por exemplo, na Itália há uma família de Surdos de mais de 40 gerações; os filhos de pais Surdos; os Surdos que nasceram Surdos têm família ouvinte e entraram em contato a comunidade Surda já em idade adulta.



2.IDENTIDADES SURDAS HÍBRIDAS

Caracterizam-se assim surdos que nasceram ouvintes e que perderam audição com o tempo devido a alguma doença, acidente, etc.

- Dependendo da idade em que a surdez chegou, conhecem a estrutura do português falado, decodificam a mensagem em português e o envio ou a captação da mensagem vez ou outra e na forma da língua oral;
- Usam língua oral ou língua de sinais para captar a mensagem. Esta identidade também é bastante diferenciada, alguns não usam mais a língua oral e outros usam Sinais sempre;
- Assumem um comportamento de pessoas surdas, ex: política da identidade surda usa tecnologia para surdos...;
- Convivem pacificamente com as identidades surdas;
- Assimilam um pouco mais que os outros surdos, ou não conseguem assimilar a ordem da língua falada, tem dificuldade de entendê-la;

TEMA 4



- A escrita obedece à estrutura da língua de sinais, pode igualar-se a língua escrita, com reservas;
- Participam das comunidades, associações, e/ou órgãos representativos e compartilham com as identidades surdas suas dificuldades, políticas, aspirações e utopias;
- Aceitam-se como surdos, sabem que são surdos, exigem intérpretes, legenda e sinais na TV, telefone especial, campanha luminosa;
- Também têm uma diferente forma de relacionar-se com as pessoas e mesmo com animais.

3. IDENTIDADES SURDAS FLUTUANTES

Os surdos que não têm contato com a comunidade surda ou surdos que viveram na inclusão ou que tiveram contato da surdez como preconceito ou desenvolvimento social. São outra categoria de Surdos, visto de não contarem com os benefícios da cultura surda. Eles também têm algumas características particulares.

TEMA 4



- Seguem a representação da identidade ouvinte;
- Estão em dependência no mundo dos ouvintes, seguem os seus princípios, respeitam-nos, colocam-nos acima dos princípios, às vezes competem com ouvintes, pois que são induzidos no modelo da identidade ouvinte;
- Não participam da comunidade surda, associações e lutas políticas;
- Desconhecem ou rejeitam a presença do interprete de língua de sinais;
- Orgulham-se de saber falar “corretamente”;
- Demonstram resistências à língua de sinais e a cultura surda visto que isto, para eles, representa estereotipo;
- Não conseguiram identificar-se como surdos, sentem-se sempre interiores aos ouvintes: isto pode causar muitas vezes depressão, fuga, suicídios, acusação aos outros surdos, competição com ouvintes, há alguns que vivem na angustia no desejo continuo de serem ouvintes;

- São as vítimas da ideologia oralista, da inclusão, da educação clínica, do preconceito e do preconceito da surdez;
- São surdos. Quer ouçam algum som, quer não ouçam persistem em usar aparelhos auriculares, não usam tecnologia dos surdos;
- Estas identidades surdas, flutuantes também apresentam divisões; por exemplo: aqueles que têm contato com a comunidade surda, mas rejeitam-na, os que jamais tiveram contato, etc...

4. IDENTIDADES SURDAS EMBAÇADAS

As identidades surdas embaçadas são outros tipos que podemos encontrar diante da representação estereotipada da surdez ou desconhecimento da surdez como questão cultural.

- Esta identidade não consegue captar a representação da identidade surda, nem da identidade ouvinte como fazem os flutuantes;

TEMA 4



TEMA 4



- Sua comunicação é por alguns sinais incompreensíveis às vezes;
- Não têm condições de dizer onde mora, seu nome, sua idade, etc...;
- Não têm condições de usar língua de sinais, não lhe foi ensinada, nem teve contato com a mesma;
- São pessoas vistas como incapacitadas;
- Neste ponto, ouvintes determinam seus comportamentos, vida e aprendizados;
- É uma situação de deficiência, de incapacidade, de inércia, de revolta;
- Existem casos aprisionamento de surdos na família, seja estereotipo ou pelo preconceito, fazendo com que alguns surdos se tornem embaçados.



5. IDENTIDADES SURDAS DE TRANSIÇÃO

Estão presentes na situação dos surdos que devido a sua condição social viveram em ambientes sem contato com a identidade surda ou que se afastam da identidade surda.

- Vivem no momento transito entre uma identidade para outra;
- Se a aquisição da cultura surda não se dá na infância, normalmente a maioria dos surdos precisa passar por este momento de transição, visto que grande parte deles filhos de pais ouvintes;
- No momento em que esses surdos conseguem contato com a comunidade surda, a situação muda e eles passam pela des-ouvintização, ou seja, rejeição da representação da identidade ouvinte;
- Embora passando por essa des-ouvintização, os surdos ficam sequelas da representação, o que fica evidenciado em sua identidade em construção;

- Há uma passagem da comunicação visual/oral para a comunicação visual/sinalizada;
- Para os surdos em transição para a representação ouvinte, ou seja, a identidade flutuante se dá o contrário.

6.IDENTIDADES SURDAS DIÁSPORA

As identidades de diáspora divergem das identidades de transição. Estão presentes entre os surdos que passam de um país a outro ou, inclusive passam de um estado brasileiro a outro, ou ainda de um grupo surdo a outro. Ela pode ser identificada como o surdo carioca, o surdo brasileiro, o surdo norte-americano. É uma identidade muito presente e marcada. Este tem um amplo conhecimento de tipos de sinais regionais.

7.IDENTIDADES INTERMEDIÁRIAS

O que vai determinar a identidade surda é sempre a experiência visual. Neste caso, em vista desta característica diferente distinguimos a identidade ouvinte da identidade surda. Temos também a identidade intermediária. Geralmente esta identidade é identificada como sendo



surda. Essas pessoas têm outra identidade, pois tem uma característica que não lhes permite a identidade surda isto é a sua captação de mensagem não é totalmente na experiência visual que determina a identidade surda.

- Apresentam alguma porcentagem de surdez, mas levam uma vida de ouvintes;
- Para estes são de importância os aparelhos de audição, de aumento de som;
- Assume importância para eles o treinamento do oral, o resgate dos restos auditivos;
- Busca de amplificadores de som...;
- Não uso de interpretes de cultura surda, de língua de sinais, etc. (alguns adoram língua de sinais por hobby);
- Quando presente na comunidade surda, geralmente se posiciona contra uso de interpretes ou considera o surdo como menos dotado e não entende a necessidade de língua de sinais de interpretes...;

TEMA 4



- Tem dificuldades de encontrar sua identidade visto que não é surdo nem ouvinte. Ele vive como pêndulo, ora entre surdos, ora entre ouvintes, daí seu conflito com esta diferença.

Sugiro que assistam aos vídeos linkados abaixo, eles ajudarão na compreensão dos temas trabalhados no decorrer deste curso.

Vídeos para assistir:

Reconhecimento de saber o que é identidade surda:

Valorização da cultura surda:

Mão liberdade:

TEMA 4

